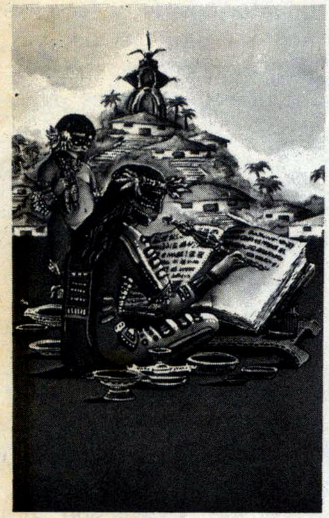
PLANETA

Fundadores: Louis Pauwels e Jacques Bergier



Capa: Martinez

34 O LIVRO SAGRADO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS

Agora já se sabe que os jesuítas, em nome da "civilização", destruíram preciosos livros encadernados e outros documentos. O autor denuncia um complô para distorcer nosso passado pré-cabralino.

Por Aurélio M. G. Abreu

Dizem que o marcante nas utopias é que elas se baseiam no óbvio. Na filosofia rodrigueana, o óbvio aparece sempre como justamente aquilo que menos se percebe. Assim, vem a calhar um certo trechinho pinçado à página 102 de As Sociedades Secretas Governam o Mundo, *obra de Pierre Mariel: "A união das forças não é uma adição, mas uma multiplicação. Daí a necessidade de reduzir a propriedade individual ao mínimo e de estruturar uma constituição política aceite mas não imposta." Já se disse que a nova revolução, esta ora em marcha, não pode ser detida pela violência e terá num novo pacto social a sua conseqüência última. Aviso aos retirantes: nem só de pão vive o lanche.*

Edenilton Lampião

13 PEDRA-UME-CAÁ, A ALTERNATIVA CONTRA A DIABETE

Pesquisas na Universidade do Amazonas revelam a eficiência da *caá* e chamam a atenção para nossa flora medicinal e para o complô das perniciosas multinacionais farmacêuticas.

Por Flamínio Araripe

16 ZWARG, O LOUCO DA JURÉIA

De como um vereador da pequena Itanhaém mobiliza caiçaras e intelectuais, políticos e entidades pela preservação ecológica, contra o perigo nuclear.

Por Oswaldo de Mello Jr.

23 A CRISE DO CATOLICISMO-II: AUTORIDADE ABALADA

O monopólio de mais de 2 mil anos do catolicismo é hoje um reino em ruínas, com contestações em várias frentes do pensamento.

Por Olavo de Carvalho

31 FLAMMARION, POETA DA ASTRONOMIA E DOS UFONAUTAS

Há mais de 100 anos ele procurava demonstrar a pluralidade dos mundos habitados, angariando simpatias e fazendo sérios inimigos. Foi um precursor da ponte entre as várias áreas do conhecimento geral.

Por Roberto Pereira

40 VENTOS DA MUDANÇA: URANO EM SAGITÁRIO

Este fato astrológico nos ingressa num período de sete anos de idealismo revitalizado, certamente revivendo o furor dos anos 60. O Centauro aponta para o alto, como a dar o toque.

Por Claudia Hollander

45 SOBREVIVER E OPERAR NO ESPAÇO

À medida que o homem avança cosmo adentro, necessita cada vez mais de condições técnicas para sobreviver e se movimentar em ambientes os mais diversos.

Por Roberto Pereira

49 MATUSALÉM REVISITADO: A VIDA SOB CONTROLE?

Uma abordagem das mais recentes conquistas da geriatria e também a pesquisa em torno de povos e grupos cuja longevidade desafia os pesquisadores.

Por Marco Antonio de Menezes

55 FRONTEIRAS: O MISTÉRIO DOS GÊMEOS UNIVITELINOS

Mesmo longe um do outro, esses gêmeos têm vidas idênticas, transmitem dores e prazeres à distância e, não raro, morrem à mesma hora e nas mesmas circunstâncias.

Por Elsie Dubugras

58 ASTROLOGIA: SAGITÁRIO E SEUS ASCENDENTES

O Sol em Sagitário (de 23/11 a 20/12) estimulando a espiritualidade e transcendência.

Por Claudia Hollander

SEÇÕES

4 AGENDA
5 JORNAL DE PLANETA
54 MÚSICA: EMOÇÕES PLANETA
60 LIVROS — PLANETA LEU PARA VOCÊ
62 CLUBE DA COMUNICAÇÃO
64 LEITOR DEBATE
66 LEITOR PERGUNTA

A AUTORIDADE ABALADA

A CRISE DO CATOLICISMO-II

Sacudido por mil formas diferentes e ousadas de pensamento e religiosidade, o Ocidente dá sua resposta ao monopólio de autoridade espiritual que a Igreja vem impondo — ou tentando impor — há dois mil anos. A tentativa de recuperar o velho status tem levado a situações mais comprometedoras e perigosas ainda. Este artigo completa o publicado na edição anterior de Planeta.

POR OLAVO DE CARVALHO

Durante dois mil anos a Igreja teve o monopólio, no Ocidente, da autoridade espiritual. Desde o meio do século passado, entretanto, essa situação mudou, pois apareceram *muitas* correntes, entidades e organizações que, reconhecendo a existência de um Deus ou de um sentido geral da existência, arrogam-se o direito de interpretar seus desígnios *melhor* do que a Igreja Católica. Esse fato disseminou entre as populações ocidentais o *individualismo religioso*, de modo que hoje praticamente todo mundo crê que interpretar a vontade de Deus é matéria de foro íntimo de cada um, sem nenhuma obediência a critérios fixos, dogmas, regras ou disciplinas externas.

Aberto o primeiro precedente pelo protestantismo, a Declaração da Independência norte-americana estabeleceu formalmente o "direito inato" de cada ser humano cultuar a Deus "como bem entendesse", o que não significa apenas reconhecer o direito à existência de muitas religiões, mas o direito de cada indivíduo interpretá-las segundo seu próprio

Ilustrações: Arquivo Três

Quadro do século 15 , de pintor flamengo: Cristo revive Lázaro. Um mistério bem explicado?

Questionando o poder antigo

subjetivismo, e independentemente de qualquer preparo, conhecimento anterior ou qualificação moral e intelectual.

O leitor de hoje, acostumado a esse fenômeno, talvez não se dê conta do seu caráter absolutamente excepcional e espantoso. Em todas as épocas e lugares, a religação do homem com sua fonte metafísica foi sempre um empreendimento coletivo, que reunia pessoas e grupos divergentes no reconhecimento comum de um sentido único da existência. Isto, evidentemente, não invalidava a existência de uma multiplicidade de caminhos pessoais, mas afirmava a verdade óbvia de que esses caminhos convergiam para o mesmo ponto, do mesmo modo que os raios de uma circunferência convergem para o centro. Havendo entre o homem mundano perdido na multiplicidade e o santo reabsorvido na unidade central distintos graus de proximidade e afastamento entre a periferia e o centro, a religião, por seu caráter popular, representava uma primeira instância para a reunificação, ao alcance de todos.

O individualismo no bojo das rebeliões modernas

O individualismo religioso – que não pode ser confundido com um simples princípio de tolerância e convivência das religiões, pois representa justamente a anulação de todas as religiões em favor da sentimentalidade e imaginação individuais – surge, portanto, no século passado, como um reconhecimento da impossibilidade de qualquer consenso quanto às verdades últimas, e como a afirmação do primado da multiplicidade sobre a unidade. Ele é, por um lado, a forma mais extremada de idolatria, pois eleva cada ego individual à categoria de sua própria divindade, numa inversão verdadeiramente "satânica" da sentença segundo a qual "a verdade habita no interior do homem", que passa a ser interpretada como se o interior do homem não fosse o Logos único e eterno mas as fantasias arbitrárias do psiquismo de cada um.

Por outro lado, ele representa uma confissão oficial e ostensiva da bancarrota da inteligência humana, no momento mesmo em que esta, espantada ante seus próprios feitos tecnológicos – sucedâneos meramente sensoriais e pirotécnicos da síntese intelectual reconhecida como impossível –, parece mais orgulhosa e enfatuada do que nunca.

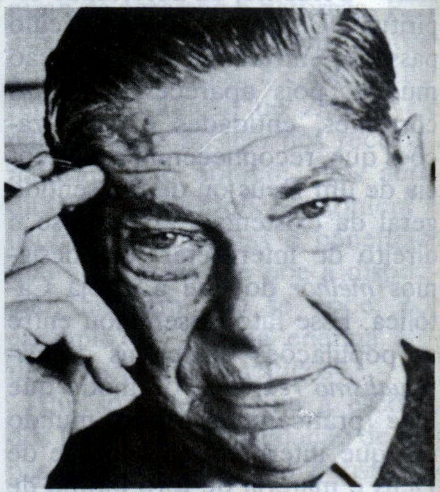
A experiência direta superando o discurso

Está mais do que claro que todos os sentimentos de absurdo, incongruência e fragmentação de que se queixa a sensibilidade moderna (e das quais a arte dos últimos cem anos representa uma exposição de dimensões macrocósmicas) derivam precisamente da rebelião moderna. Por um lado, rebelião contra o dogmatismo "irracional" da religião, o que seria até compreensível em nome do primado da inteligência; mas, por outro lado, rebelião também contra as disciplinas tradicionais e a metafísica pura, que poderiam levar a uma certeza inteiramente intelectual das mesmas verdades que a religião afirma pelo dogma e pela fé.

O individualismo na religião evidentemente abre as portas a todas as teorias e doutrinas puramente imaginárias e arbitrárias, que entram em concorrência no mercado livre para se afirmarem vencedoras ou perdedoras unicamente em função dos dotes propagandísticos e demagógicos maiores ou menores dos seus "mestres". Tais doutrinas, que proliferam como pragas no solo fértil da confusão, do desespero e do orgulho, podem assumir, indiferentemente, uma forma religiosa ou científica, ideológico-política, filosófica ou artística e sentimental; delas se vive (não raro muito confortavelmente) e por elas também se morre.

Vejamos alguns exemplos dos modos de ação do individualismo na religião e espiritualidade:

1) Para não começar por uma vulgaridade, mas por algo que tem foros de "pesquisa científica", vejam a atuação da "escola histórica", no século passado, bem como a "crítica textual" que é praticada em nossas universidades ainda hoje. Partindo do pressuposto (inteiramente pressuposto, isto é, sem prova alguma) de que os textos sagrados das religiões não são sagrados, nem de fonte eterna, mas simples documentos históricos, a crítica textual procura "restituir" o seu "sentido original", reportando-os aos fatos políticos, sociais e econômicos do momento em que foram escritos.



A. Koestler: o silêncio de Deus.

Aparentemente, isso é bastante racional. Mas ocorre que todos os textos sagrados são transmitidos dentro de uma tradição de ensinamento oral que deve completá-los por certas disciplinas e práticas. Isto é, nenhum texto sagrado pode ser interpretado, de forma alguma, *de fora* da tradição a que pertence, por mais dados e documentos de que se disponha, pois a parte mais significativa da interpretação vem justamente através da transmissão oral e direta. Isso quer dizer, pura e simplesmente, que o maior historiador da melhor universidade européia tem menos autoridade

Quadro de Sandro Botticelli: São Zenóbio expulsa demônios. O demônio?

sobre um texto sagrado do que o mais inexperiente noviço no aprendizado da tradição correspondente. Inclusive porque a carga de ensinamentos diretos é tamanha e tão complexa que jamais poderá ser reconstituída por escrito.

O mais novato praticante de uma linha tradicional de taichichuan, por exemplo – e eu mesmo sou um –, sabe que há mais densidade intelectual num único movimento dessa arte, com toda sua carga simbólica, do que em tudo que os orientalistas escreveram sobre a China. De resto, no começo do século René Guénon já disse tudo o que era possível dizer sobre os orientalistas, e não há necessidade de insistir nisso.

Mas, para terem uma idéia de quanto a "erudição" acadêmica pode errar o alvo apesar de todas as suas precauções "científicas", vejam um exemplo. A Biblioteca *Life* publicou uma série, assinada por prestigiosos historiadores, que incluía um volume sobre a história do Islã. Nas ilustrações – de "primoroso colorido", como é o costume – reproduzia-se, como curiosidade, um bestiário, isto é, uma coleção de desenhos de animais. Nas legendas, o autor informava tratar-se de uma obra entre ingênua e estranha, só explicável pela "mentalidade exótica" dos orientais, pois ao lado de animais verdadeiros incluía seres imaginários, sem nenhuma distinção explícita; entre eles, um curioso pássaro, desconhecido dos ornitólogos, chamado *simurgh*.

DDD celeste: o fone fora do gancho?

Ora, qualquer estudioso da Tradição sabe que, no Islã, o simurgh jamais foi um pássaro, mas um símbolo, o símbolo da espiritualidade pura, e por isso mesmo chamado o "rei dos pássaros", como se lê na obra do grande mestre sufi Farid-ud-Din Attar, *A Assembléia dos Pássaros*. Do mesmo modo, os demais "bichos" do bestiário também não são bichos, mas símbolos de distintas fases do aprendizado sufi, os chamados "estados espirituais".

A questão toda resume-se nisto: a erudição universitária julga que a simples formação de historiador e o conhecimento de alguns documentos históricos pode substituir, na compreensão dos textos sagrados, a verdadeira prática da disciplina tradicional, o que resulta dizer que o conhecimento "por ouvir falar" vale mais do que a experiência direta.

2) Como resultado desse tipo de estudo meramente indireto e alusivo, as camadas intelectuais modernas foram cada vez mais conferindo sentidos grosseiramente "históricos" e políticos aos textos sagrados – abrindo, portanto, as portas, por um lado, para a "dessacralização" de algo que só deixou de ser sagrado porque deixou de ser compreendido, e, por outro, para a apropriação arbitrária do seu conteúdo por movimentos políticos ou demagógicos de todos os matizes. Estes permitem-se, hoje, tanto utilizar uma falsa doutrina pseudo-oriental do "carma" para legitimar a opressão econômica e a injustiça quanto apropriar-se de sentenças do Evangelho para promover lutas sociais que visam a objetivos puramente materiais ou políticos, ou ainda um "humanismo democrático" que, por ser adocicado como um musical da Metro, não deixa de ser um estímulo à ilusão e à vaidade. De um lado e de outro, trata-se de um rebaixamento intelectual como jamais foi visto em toda a história, rebaixamento que em si mesmo, por estar na raiz causal de todos os males contemporâneos, é mais grave do que todas as "injustiças sociais" e as "subversões" que a elas se opõem.

3) Esse rebaixamento ajudou a que se disseminassem, pela Europa e as Américas, textos e doutrinas pseudo-orientais – inventadas por pessoas que nos próprios quadros da religiosidade comum bem poderiam estar totalmente desqualificadas – que, na ausência de critérios firmes, passam por orientais e por amostras da mais alta espiritualidade.

Questionando o poder antigo

4) Claro que, nesse panorama, o sentido metafísico – ou mesmo meramente moral e religioso – dos textos se desvanece, como se o espírito se visse obrigado a desaparecer de cena por uma simples questão de higiene, para não compactuar com os abusos de parte a parte. No meio de tamanho lixo intelectual, os mais sensíveis naturalmente queixam-se de "não encontrar" Deus em parte alguma, e diagnosticam: "Deus morreu", ou, como diz Arthur Koestler, "Deus deixou o telefone fora do gancho". Muitas especulações teológicas ou pseudoteológicas do nosso tempo têm nisso sua origem e sua explicação, e não será preciso estender-me sobre cada uma em particular.

Eclodem magia e bruxaria variadas

5) Finalmente, a última e não menor conseqüência da perda da síntese medieval é a eclosão da magia e da bruxaria sob todas as formas. Originariamente, a magia, como todas as suas variantes operacionais, é uma ciência tradicional, inserida no quadro de uma doutrina metafísica e encarregada de demonstrar a aplicação dos princípios universais ao domínio mais limitado do mundo sensível. Esta aplicação pode ter finalidades didáticas – o manejo das forças sutis da natureza funcionando como um "apoio simbólico" para ajudar a apreensão das essências metafísicas – ou práticas, entre as quais ressaltam-se as de ordem médica; em nenhum desses casos, entretanto, a magia tem existência autônoma, pois é apenas o reflexo da doutrina no mundo sensível e, tradicionalmente, "ciência é aplicação da doutrina". De fato, pelo seu caráter prático e sensível, ela é considerada, em certos casos, uma das mais inferiores entre as ciências tradicionais, já que, em estágios mais avançados do aprendizado, não há necessidade de um apoio sensível tão grosseiro – pressupõe-se que o estudante já tenha se tornado capaz de apreender as realidades metafísicas de maneira mais direta, e, neste caso, práticas como a magia são simplesmente abandonadas no meio do caminho.

Alquimia, um exemplo da tradição degenerada

Entretanto, de todos os conhecimentos que compõem o mundo tradicional, a magia é, pelo fato de produzir "efeitos" sensíveis, a mais próxima da sensibilidade moderna, já que a ciência atual se limita precisamente ao mundo dos efeitos e dos fenômenos sensíveis, sem ter em conta os princípios universais de natureza metafísica e sem mesmo conceber a sua existência.

Por isso, não é de se estranhar que, ante a desaparição da síntese medieval, os conhecimentos mágicos se transformassem repentinamente de inferiores em superiores, e que acabassem por dominar todo o mundo da cultura.

É nesse sentido que René Guénon afirma serem as ciências atuais nada mais do que resíduo, degenerado e mal compreendido, das ciências tradicionais evaporadas. Um exemplo bem conhecido é o da alquimia. Esta ciência comportava dimensões espirituais que foram totalmente perdidas no mundo moderno, e não espanta que os textos alquímicos, de natureza puramente simbólica, passassem a ser interpretados de forma grosseiramente material e operacional, dando origem à química atual. Esta consiste apenas numa manipulação material sem nenhum sentido simbólico, cuja "exatidão matemática" é unicamente um arremedo de uma atividade intelectual verdadeira, já que seu "rigor" é de natureza apenas externa e formal. Todo mundo sabe que a química nasceu de resíduos puramente sensíveis das pesquisas alquímicas, transmitidos sem nenhuma compreensão doutrinal por incultos auxiliares de laboratório, os "sopradores". Mas muitos químicos orgulham-se dessa origem espúria por julgar que ela demonstra seu "apego aos fatos sensíveis", falsamente tomado como sinônimo de rigor intelectual.

Entretanto, nem todos os resíduos e fragmentos das ciências tradicionais puderam ser absorvidos pela ciência moderna, uma vez que esta comportava, ao menos, esse aspecto externo de rigor matemático. As parcelas restantes, inassimiláveis em termos científico-experimentais, formaram a matéria-prima para o surgimento do ocultismo e da bruxaria modernos.

Isso não impede, evidentemente, que o desenvolvimento da linguagem científica acabe por absorver também, progressivamente, muitos desses resíduos "irracionais", e que, assim, certos truques e operações antes considerados puramente "ocultistas" passem a ser aceitos dentro da cidadela científica, como se vê pelas pesquisas atuais em torno de fenômenos parapsicológicos, hipnose, telepatia, telecinésia, etc. Isso em nada altera a questão, e o único ponto que interessa assinalar é que ocultismo e ciência são *partes mutuamente complementares do resíduo deixado pelas ciências tradicionais* e que, nesse sentido, são gêmeos idênticos, apresentando uma proximidade cada vez maior que os une, hoje, num desejo comum de "produzir efeitos" e numa ignorância comum dos princípios doutrinais de que emanam.

A redenção, a fé, a crise e a busca

Nada há de casual no fato de que a ficção científica (praticada, não raro, pelos cientistas mesmos, como é o caso de Arthur C. Clarke e Isaac Asimov, entre tantas outras figuras "respeitáveis" do mundo universitário contemporâ-

Alquimistas medievais tentam a transmutação de elementos inferiores pelo fogo: conhecimento que foi degenerado.

neo) retome, em sua linguagem própria, os velhos temas da bruxaria medieval, como o da fabricação de "homens" em laboratório, e que, portanto, ciência moderna e bruxaria antiga estejam unidas no mesmo culto ao satanismo e na mesma ignorância de toda verdadeira espiritualidade. A monstruosidade chega aqui a níveis verdadeiramente impensáveis, pois se na Idade Média distorções como a bruxaria eram implacavelmente reprimidas, hoje em dia o manejo indisciplinado e enlouquecido de forças naturais – sob o pretexto de uma "pesquisa" que, não podendo conduzir a verdade alguma, transforma-se em finalidade por si mesma – é oficialmente aplaudido e fomentado como uma das mais altas atividades do intelecto humano, com resultados que a devastação ecológica, a proliferação das armas atômicas e o aspecto sinistramente disforme das vítimas da talidomida ilustram com perfeição.

Em conclusão, está claro que a crise atual do catolicismo não é senão a crise da espiritualidade em geral, ou melhor, a crise de uma humanidade que, tendo perdido praticamente toda espiritualidade, perdeu também a compreensão das suas formas específicas mais simples e populares, como o são as formas religiosas, entre as quais o catolicismo é apenas um exemplo.

De fato, a existência de uma gnose ou *philosophia perennis* mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, "mais forte ainda que uma certeza matemática".

No entanto, isso não elimina o fato, óbvio em si mesmo, de que, para a massa comum dos seres humanos, um caminho de ascese intelectual e de conhecimento está barrado pelo desejo mesmo de "viver" e desfrutar das sensações, que é a ocupação normal e corrente da maioria; e que para estes, portanto, a única via possível é a da fé religiosa, que não requer qualificações intelectuais maiores, mas apenas a boa-vontade, que deve ser o apanágio comum de todos os homens, independentemente dos seus dons intelectuais.

Gloria in excelsis Deo: e que junto dele, na suprema beatitude da unidade metafísica finalmente realizada, repousem eternamente os príncipes do conhecimento e da santidade; *et pax in terra hominibus bonae voluntatis*: aos que não estão destinados a tais alturas, resta a perspectiva de uma redenção final por meio da fé, que não é mais do que uma boa-vontade da alma. Essa fórmula da Igreja latina expõe de maneira exemplar a tradicional divisão em dois caminhos, o grande e o pequeno, a "via dos deuses", representada pelo signo do Capricórnio, e a "via dos antepassados",

Questionando o poder antigo

representada pelo Câncer — ou ainda, em termos mais atuais, *esoterismo* e *exoterismo*. Sistematicamente, a negação da espiritualidade tradicional parte daqueles que não têm a qualificação intelectual para o esoterismo, nem a boa-vontade de aceitar aquilo que não compreendem.

Perigosas alianças com correntes profanas

Está claro que a crise do catolicismo, sendo de raízes tão profundas e de dimensões tão vastas, não pode, em hipótese alguma, ser enfrentada pelos meios puramente político-sociais e propagandísticos em que lamentavelmente vemos o clero enredar-se, e que mostram apenas o comprometimento deste com as formas de pensar mais frontalmente contrárias à causa que defende. Na maioria das análises oficiais da Igreja sobre a crise atual, o que se observa é uma atenção demasiada aos aspectos sociais e estatísticos, ao lado de um silêncio completo sobre os lados mais graves do problema.

Talvez o indício mais significativo da incompreensão de largas faixas do clero a esse respeito seja o fato de que a Igreja, apesar do Concílio Vaticano II, continua com uma atitude reticente perante as demais tradições religiosas (por exemplo, as indígenas), enquanto não hesita em fazer alianças puramente ocasionais e demagógicas com correntes de pensamento puramente profanas, quando não decididamente materialistas, como o marxismo e a psicanálise.

Provavelmente embalada, ainda, por dissensões de uma outra época, a Igreja talvez não tenha percebido que, nos índios que indagam aos anjos (através dos sinais), símbolos da mata e dos animais, nos muçulmanos que se ajoelham cinco vezes por dia ante o Altíssimo, no chinês que reconstitui a recordação da Origem transcendente pelo "fio" dos movimentos sutis do tai-chi, e em todos os homens que, no mundo, buscam a Deus sob as formas mais variadas e aparentemente exóticas, o cristão encontrará aliados mais firmes e confiáveis do que em todos os intelectuais pedantes, em todos os gurus de universidade e em todos os líderes de massas

Uma breve história, que será também a conclusão final destas considerações, ajudará a ilustrar melhor isso.

Uma vez, o cacique Juruna estava com dores reumáticas e foi buscar tratamento na academia do nosso amigo comum, Michel Veber. Durante as massagens, ele ficou cantarolando alguma coisa em xavante, e lhe perguntaram o que era.

Era uma prece, uma das mais freqüentes na sua tribo. Invocava a Deus por dois nomes diferentes, vale dizer: por dois atributos distintos. Por um lado, falava d'Ele como o Eterno, o Imutável, o Absoluto. Era o Deus da metafísica, aquele que está acima de todas as concepções e representações humanas. Por outro lado, referia-se a Ele como o Pai, o Afetuoso, o què nos acompanha e nos protege: o Deus do amor, do culto e da devoção.

Era o mesmo Deus. Só que tinha, pelo fato de ser Deus, o dom de ser ao mesmo tempo o mais alto e o mais próximo, o mais inacessível e o mais calidamente familiar.

Ouvindo essa explicação, que foi gravada por Michel como uma verdadeira aula de metafísica, não pude deixar de lembrar a dupla fórmula muçulmana, *el rahmân, el rahîm*, que tinha estudado nos livros de Frithjof Schuon sobre o Islã. *El rahmân* é o aspecto global e abrangente da divindade, de que provém o mundo criado, como uma expressão magna de sua misericórdia total; *el rahîm*, o seu aspecto, por assim dizer, pessoal, a face que apresenta a cada ser individualmente, por mais insignificante que seja.

Essa noção estava ali, explicada em língua xavante, exemplificando ao vivo a "unidade transcendente das religiões" de que fala Schuon.

Que tem essa história a ver com a crise do catolicismo? Na realidade, todas as transformações históricas pelas quais passam as religiões — e "crise" deve ser entendida apenas como uma forma particularmente aguda de transformação histórica — só podem ser compreendidas se levarmos em conta esse duplo aspecto da divindade, ao mesmo tempo "transcendente" e "imanente" na terminologia escolástica, isto é, ao mesmo tempo imutável e histórica, eterna e vivente. Quem não ama os paradoxos, desista de falar de Deus. E quem julga isto demasiado complexo, que pare de se julgar "civilizado" em face dos xavantes.

Eternidade e história: revendo e agindo

A dupla face de Deus na prece xavante é reconhecida em todas as tradições espirituais do mundo. Por paradoxal que pareça, ela é facílima de entender e nos conduz ao coração mesmo da crise do catolicismo.

Se existe uma verdade, ela é imutável ou não é verdade de maneira alguma. Entretanto, o ser humano que conhece essa verdade é mutável, temporal, contingente. Isso significa que toda verdade, que o seja verdadeiramente, deve apresentar um número *indefinido* de formas, uma para cada ser humano, uma para cada momento e lugar, sem deixar nunca de ser ela mesma. Para usar um exemplo banal, se desenhamos um triângulo, ele deverá fatalmente ser um triângulo isósceles, ou retângulo, ou equilátero; em suma, deverá ter alguma das formas possíveis de triângulo, que será, para cada vez que o desenharmos, uma forma concreta e particular, diferente das outras. Nenhum deles, entretanto, deixará de ser triângulo. Isso significa que a forma universal "triângulo" que dá sentido a cada triângulo parti-

Guénon, por Pierre Laffilée: a fé como uma certeza digna da matemática.

cular está presente em todos eles, sem que nenhuma esgote nunca em todas as suas possibilidades.

Deus – o Absoluto – está presente em todas as religiões e formas espirituais autênticas. É o mesmo, eterno e imutável. Mas as religiões são formas históricas, que têm um começo e um fim.

Agora, se Deus é eterno, está acima de todas as durações. *El rahmân* está acima dos tempos e lugares. Mas e *el rahím*, quanto tempo dura, sendo a face que Deus tem para cada ser? Simples: dura o tempo que cada ente em particular dure; e ele terá, desse Deus, um conhecimento pessoal e particularmente seu, intransferível.

Isso nos leva a uma conclusão, de resto óbvia, mas que nos dias de hoje deve parecer espantosa: cada religião é *integralmente verdadeira*, sem ser por isso a *verdade integral*. Ou seja: nada pode ser alterado em nenhuma religião, pois cada uma é expressão perfeita da verdade, tal como um triângulo retângulo é efetivamente e integralmente um triângulo, sem nada perder para o isósceles. Mas não é a única religião possível.

Logicamente, então, todas as especulações do século passado sobre a "fusão" das religiões para formar uma "religião universal" são absurdas: equivalem a exigir que um triângulo seja isósceles e equilátero ao mesmo tempo, para com isso ser "mais triângulo".

Pelas mesmas razões, é impossível que uma religião, qualquer que seja, se proponha como superior às outras; mas, pelas mesmas razões ainda (o que já não será tão agradável aos ouvidos de hoje), nenhum indivíduo concreto pode "superar" a religião em que está.

Se esse raciocínio vale para as várias religiões, deve valer também para os distintos momentos históricos de uma mesma religião. Se cada religião é verdadeira, tem de ser *integralmente verdadeira em cada uma das suas etapas históricas*, sob pena de um triângulo poder deixar de ser triângulo por alguns instantes.

Uma religião, enquanto tal, não pode transformar-se, sofrer "crises", deixar de ser verdadeira por um único instante que seja, mesmo depois do seu desaparecimento histórico, ou mesmo *antes* de ter existido historicamente. Terão as verdades do pitagorismo deixado de sê-lo, pela simples razão de que não existem mais pitagóricos? E já não o eram antes?

Isso significa que toda abordagem puramente histórica – que não se interesse pela verdade interna da religião, mas apenas pelas transformações contingentes do seu aparato externo – é inteiramente insuficiente para entender a religião, e fatalmente para entender as suas transformações. Se nos abstemos de crer na verdade do catolicismo, como poderíamos falar de crise? Algo que nunca foi bom não pode tornar-se ruim. E, se aceitamos essa verdade, temos de aceitar também que ela não entra em crise: *nós* é que estamos em crise, pois já não conseguimos apreendê-la, nem, *a fortiori*, aprender as distorções que nós mesmos, neste momento histórico, estamos fazendo com ela. Pior ainda: essas distorções não a alteram de maneira alguma, mas alteram . . . a nós.

O QUE HÁ PARA SE LER

Jacob Needleman, *The Sword of Gnosis* (Baltimore, Penguin Books, 1974); Frithjof Schuon, *Gnosis, Divine Wisdom* (Pates Manor, Befont, Middlesex, Perennial Books, Ltd., 1959); René Guénon, *Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps* (Paris, Gallimard, reed.); Seyyed Hossein Nasr, *O Homem e a Natureza* (trad. brasileira, Rio, Zahar, 1978); Martin Lings, *Ancient Beliefs and Modern Superstitions* (London, Unwin Books).